

A POESIA DE JOSÉ SEBASTIÃO DA COSTA

Márcia Alves Rosa¹

Jane Adriane Gandra²

RESUMO: Neste artigo, propomos compreender a vida e obra de José Sebastião da Costa. Buscamos analisar suas poesias, através de livros que fazem menção a esta pessoa e em especial o livro “Gestas de um Apóstolo” de Padre Hélio Cordeiro, onde encontramos seus manuscritos com respectivos desenhos. Este artigo faz-se relevante, pois apresenta de forma clara e objetiva a vida e poesias de José Sebastião da Costa.

PALAVRAS-CHAVE:

José Sebastião da Costa; poesia; evangelizar; doutrina e natureza.

ABSTRACT:

In this article, we propose to understand the life and work of José Sebastião da Costa. We seek to analyze his poetry through books that contain a mention of him, and specially the book “Gestas de um Apóstolo” by Padre Hélio Cordeiro, where we can find his manuscripts with their drawings. This article is relevant, because it presents clearly and objectively the Monsenhor Zezinho's life and poetry.

KEYWORDS:

José Sebastião da Costa, poetry, evangelize, doctrine and nature.

1.Literatura e catequese:

¹ Aluna da Especialização em Estudos Literários na UEG – Câmpus Posse

² Professora em dedicação exclusiva da UEG – Câmpus Posse. Orientadora deste estudo.

A literatura brasileira teve início com o Quinhentismo, a catequização dos índios pelos padres jesuítas, e um em especial o padre José de Anchieta, que além de catequizá-los os defendeu das torturas praticadas pelos portugueses. Existem alguns textos que foram escritos naquela época, conhecidos como literatura de informação, estes eram cheios de informações, relatavam as viagens, terras descobertas, pessoas, animais, vegetação, quem mais se destaca nessa literatura de informação é Pero Vaz de Caminha com sua carta aos portugueses conhecida por Carta do Achamento. De acordo com Alfredo Bosi,

Os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são *informações* que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro. [...] é graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte (BOSI, 1994, p.13).

A literatura de catequese surgiu com o descobrimento do Brasil e com a colonização portuguesa, suas principais características eram: poesia didática de fácil entendimento e construção, pregar a moral do catolicismo aos indígenas, teatro pedagógico com base em textos extraídos da Bíblia. O padre José de Anchieta usava a literatura para apresentar através de peças de teatro, uma mistura de costumes indígenas com a moral do catolicismo. Nessa época, foi fundada a Companhia de Jesus, formada por padres missionários, com o intuito de evangelizar os índios de forma mais intensa e objetiva. Para Afrânio Coutinho, “ [...] Instituída em 1540, a Companhia de Jesus foi em todo o mundo uma força e uma organização, um idealismo em marcha, amparado no mais inquebrantável baluarte do ser humano: a fé em Deus” (COUTINHO, 1997, p.59). Tal Companhia de Jesus existiu por meio da necessidade de fazer com que os índios entendessem de forma clara e objetiva o que era essencial e primordial conhecer sobre o catolicismo. Isso era feito através de peças de teatro, pois de lado a lado estava à facilidade de aprender com sons e imagens, que impressionava os índios que participavam de tal espetáculo e a facilidade dos atores lidarem com tal assunto objetivamente.

A escrita dos padres jesuítas era marcada por religiosidades, eles conheciam profundamente a doutrina católica. Suas poesias eram sempre carregadas de devoções, os colégios construídos por eles tinham denominação de santos e santos,

bem como as cidades que foram crescendo envoltas dessas escolas, seus ensinamentos eram marcados por apresentarem um cunho ortodoxo e conservador.

José Sebastião da Costa foi um padre nascido em Posse-Go no ano de 1932, comparando-o com os padres jesuítas, percebe-se que ambos possuíam uma característica em comum e bem marcante, são bem ortodoxos e profundos conhecedores da doutrina católica. São da velha guarda de linha apologética, ou seja, conheciam profundamente os dogmas e princípios católicos, e por isso conservadora. Mas homens abertos ao diálogo e as transformações do mundo. Para Padre Hélio Cordeiro: “Monsenhor Zezinho foi clássico e moderno, em estilo sempre adequado à temática que desenvolveu voltado ora para o mundo das ideias ora para o mundo da religiosidade, tendo como foco os valores espirituais” (CORDEIRO, 2013, p.58).

José Sebastião da Costa foi um visionário, pois não enxergava apenas o presente, avistava o futuro e já se antecipava para as mudanças que inevitavelmente ocorreriam na sua cidade, como por exemplo, mudança cultural e acadêmica, mudança econômica, no folclore, na literatura, na política, e na mentalidade do povo. Porém era contra tudo aquilo que na modernidade ia contra os valores que ele preconizava. Ainda, segundo Padre Hélio Cordeiro,

Uma clara preocupação de Monsenhor Zezinho quanto à degradação social e à corrupção dos costumes, está estampada no seu poema ‘modernices’ em que confessa: ‘não saio mais de casa, não saio mais a rua: para não ver o caixão em que esta reclusa a civilização’ (CORDEIRO, 2013, p.58).

Há alguns anos, ele percebeu que tudo estava mudando em sua cidade por causa da modernidade e do progresso que chegou a todos de forma rápida e quase que avassaladora, por isso ele se entristecia e dizia que sua única amargura era de não ver a todos felizes.

José Sebastião da Costa além de missionário, era poeta, suas poesias eram algumas baseadas nos dogmas da igreja católica e outras sobre o mundo, suas diversidades e biodiversidades. Apesar de sua formação clássica, era aberto à modernidade (mas com certa cautela), acompanhava a evolução cultural e artística. Em matéria literária, utilizava a métrica, o ritmo e rima, filiava-se por um lado ao modernismo brasileiro e por outro ao parnasianismo. Também se utilizou de peças

de teatro para levar a literatura e artes ao povo de sua cidade de forma descontraída e prestativa. Para Emílio Vieira, “Glória literária ele não buscou. A arte poética foi para ele um instrumento de comunicação dos valores espirituais, do apostolado e da fé, portanto uma forma de mensagem e redenção.” (VIEIRA, s.d, *apud* CORDEIRO, 2013, p.56).

Ainda sobre a poesia, ele tinha grande apreço em fazê-las e às vezes até as utilizava em sala de aula, visando o culto à arte e à evangelização, também passou a escrever peças de teatro, assim como a Companhia de Jesus dos padres jesuítas.

2.Vida e obra de José Sebastião da Costa

José Sebastião da Costa, mais conhecido por Monsenhor Zezinho, teve desde sua infância vocação ao sacerdócio. Em suas brincadeiras, ele já dava indícios de que seria sacerdote, pois dentre várias que gostava de brincar, cortava sacos de estopa para se vestir como padre e celebrar “missas” para seus amigos.

Depois de ter terminado o ensino fundamental foi matriculado no seminário em São Domingos Goiás. Ali ele encontrou grandes dificuldades para assimilar as matérias que faziam parte da grade curricular, pois este curso correspondia ao ensino superior, mas como ele mesmo diz: “enfiei a cara nos livros e em menos de um ano já havia me recuperado” (Pe.ZEZINHO, s.d. *apud* CORDEIRO,2013, p.11). Isso demonstra a sua postura, perseverança, temperamento tenaz e vontade de cumprir o que seu coração pedia ardentemente.

Para terminar seus estudos teve que morar em Belo Horizonte e por causa da falta de transporte daquela época, ficou algum tempo sem visitar seus parentes e seu povo. Depois de formado assumiu a função de vigário cooperador na Paróquia de Nossa Senhora Santana em 1955.

Sete anos após sua ordenação sacerdotal, ele teve que passar por um grande desafio e provação de sua fé e vocação, com a aprovação do Concílio Vaticano II, instaurado pelo Papa João XXIII, em 11 de outubro de 1962. Tal evento trouxe grandes mudanças para a vida sacerdotal e, para muitos, foram mudanças radicais, a ponto de alguns padres desistirem de suas vocações e deixarem o celibato.

Assim que se mudou para Posse, ele foi trabalhar como diretor e professor de Língua portuguesa e Latim no antigo Ginásio Normal Regional Dom Prudêncio, onde teve a oportunidade de fundar e gerir o anexo Grêmio Literário Gercino Rodrigues. Tal Grêmio surgiu com o intuito de dar uma formação mais aprofundada para jovens acerca da literatura.

Sobre as poesias por ele escritas, podemos dizer que se trata de alguns sonetos rigorosamente feitos dentro dos limites formais da língua portuguesa e com estilo parnasianista e alguns poemas descritivos, narrativos e com a presença de versos livres. Contudo, isso não impediu o poeta de se expressar livremente, falar sobre várias vertentes como espiritualidade, natureza e sua cidade natal. Este trovador se apoia sobre três pilares que ele analisa por tridimensionalidade: Cristo-Maria-Graça Divina, pois através deles é que a sociedade deve se basear para se tornar uma corporação verdadeiramente guiada pela luz da verdade.

3. Análise de algumas poesias:

O poeta José Sebastião da Costa em suas poesias fala sobre vários temas, entre eles os que mais se destacam são as temáticas sobre catequese e natureza. Para Pe. Hélio Cordeiro, “desenvolveu sua produção poética segundo um programa doutrinário voltado para fins religiosos, vendo arte da poesia como instrumento de educação do espírito, num mundo em transição que já perdia a dimensão da espiritualidade.” (CORDEIRO, 2013, p.58).

Sobre esse assunto, vamos aqui analisar algumas delas. Como sua função primordial era a evangelização, ele buscava fazê-la de todas as formas possíveis, assim como neste poema, *Jesus Cristo: salvação*. Nessa poesia, que é um soneto, apresenta rimas pobres entre “luta” e “conduta”, “hegemonia” e “mercadoria” e rimas ricas em “agravam” e “solução”. A sequência de rimas é ABAB, CDCD, EFE, GGE. Nela, está retratada a luta entre Marxismo e Capitalismo, pois ambos querem ter o domínio do país, cada um a seu modo. Assim, poeta procura alertar as pessoas para o consumismo desenfreado e faz uma crítica a respeito dos perigos que isto pode acarretar para a sociedade. Ressaltando que a solução para tal disputa, não está nas mãos de nenhum dos dois, mas sim a solução é Jesus Cristo:

Dois monstros mui ferozes há na luta,
na luta brava pela hegemonia,
julgando cada qual que a má conduta
é só do rival mercadoria.

Armados da falácia mais arguta,
um e outro seus adeptos alicia;
a massa mesma, inerte, irresoluta,
deglute o amargo fel dessa porfia.

O mal, porém, que os fatos mais agravam
é que, vem perto dessa luta brava,
resplende a mais brilhante solução.

Marxismo e Capitalismo, para esse entrave,
em vão tem procurado alguma chave:
só Jesus Cristo é quem a traz na mão. (Pe.ZEZINHO, s.d, *apud*
CORDEIRO, 2013, p.206).

O poeta lança mão de figuras para retratar essa luta, “ dois monstros mui ferozes há na luta”, desse modo faz menção ao capitalismo e marxismo. O Capitalismo, por sua vez, entende que o homem precisa ter tudo, e o marxismo na questão do homem como uma massa que só precisa trabalhar. Ambos procuram aliciar seus seguidores e desde já os identifica como massa, parada, sem iniciativa e incapaz de tomar decisões. O poeta acena para a solução, que surge “brilhante”, deixando nas trevas o mal desta luta, tal solução é Jesus Cristo que vê o homem como um ser completo na sua totalidade que precisa de trabalho e de se apoiar principalmente na fé.

Ainda seguindo o viés catequético, analisaremos a poesia: *Os 10 mandamentos*. Que traz em si, “um manual para a felicidade”, sendo assim, esta balada é composta por rimas pobres em “irmão” e “coração” e rimas ricas em “roubar” e “lugar”. Além disso, ele faz uma reflexão sobre cada mandamento e também algumas referências que a Igreja valoriza como obediência, castidade, preservação da vida, trabalho digno e tomadas de decisão.

Honraras teu pai e tua mãe
 Com amor e gratidão
 Ao poder constituído
 Obedece o bom cristão (bis).

Guarda sempre a castidade;
 Na pureza Deus te quer;
 Que a mulher respeite o homem;
 e o homem a mulher (bis)

Ai! de quem tirar a vida
 Qual Caim do seu irmão
 Ai! De quem guardar o ódio
 dentro do seu coração! (bis)

Viverás do seu trabalho;
 nunca vivas a roubar:
 Pra ladrão e avarento
 lá no céu não há lugar (bis)

Todo falso juramento
 muito dói no coração:
 Seja sempre o vosso sim,
 seja sempre o vosso não. (bis) (Pe. ZEZINHO, s.d., *apud*
 CORDEIRO, 2013, p.198).

Neste poema, José Sebastião da Costa faz referência a cinco mandamentos do Decálogo, a saber: *4º-Honrar pai e mãe*, “honrarás teu pai e tua mãe”, fazendo com isso uma reflexão acerca do amor e gratidão que os filhos devem ter para com seus progenitores, *5º-não pecar contra a castidade*, “guardar sempre a castidade” fala do respeito que deve existir entre as pessoas principalmente entre homens e mulheres, *6º-não matar*, “ Ai! De quem tirar a vida qual Caim do seu irmão” deve existir respeito e amor entre as pessoas, pois este impede que o homem tire a vida do próximo, seja por meios graves ou por meio de fofocas ou maus dizeres. *7º- não roubar*, “Viverás do seu trabalho;” proíbe que se roube do próximo, seja furto de bens materiais ou também roubar-lhe o tempo, a paciência... E por fim, o *8º não levantar falso testemunho*, “Todo falso juramento muito dói no coração:” Também faz uma crítica ao ódio que muitas vezes é guardado no coração deixando de praticar o perdão.

José Sebastiao da Costa viveu em um ambiente social mais conservador no que diz respeito aos costumes e comportamentos das pessoas. Comparado ao cenário atual há diferenças inegáveis. Todavia, as realidades que o poema os *dez*

mandamentos abordam ainda permanecem válidas para reflexão. Afinal honrar os pais, cultivar a pureza, não matar, não roubar, não caluniar, continuam sendo ações morais norteadoras do comportamento humano.

Na sequência da análise de algumas poesias de José Sebastiao da Costa, destaca-se o poema intitulado *-Maria*:

Formosa botão de rosa
Que nasce ao romper o dia
Ave, cheia de graça,
Eu vos saúdo, ó Maria!

Ó Maria, com alegria,
Nós viemos te ofertar
Estas flores
Os primores
Do jardim do nosso lar.

Nós trazemos
Crisautemos
Rosas, flores á porfia;
São singelas
Todas elas
Para Ti Virgem Maria.

Ave, Maria Bendita,
Bendita sempre serás,
No céu por todos os anjos;
Na terra pelos mortais.
Mãe querida, estremecida
Hás de aceitar com ardor
Estas flores recolhidas
No jardim do nosso amor.

Porém queres
E preferes
Mais que as rosas, o odor
Nossas almas
Pra oferta-las
Ao teu Filho Redentor (Pe. ZEZINHO, s.d, *apud* CORDEIRO, 2013, p. 196).

O poema apresenta sonoridade, forma irregular com rimas pobres em “dia” e “Maria” e ricas em “flores” e “primores”, apelação sensorial, com combinação de cores através das imagens de rosas que vem a mente do leitor, a contemplação do ser em questão é uma característica marcante do parnasianismo com um toque de romantismo.

O autor faz uma saudação particular à Maria expressando-se da seguinte forma: “ Formosa botão de rosa/ Que nasce ao romper do dia/Ave, cheia de graça,/ Eu vos saúdo, ó Maria”. A saudação que o autor dirige a pessoa de Maria assemelha-se a saudação angélica mais conhecida como *Ângelus*. Essa saudação se refere ao anúncio do anjo Gabriel á Maria de Nazaré. Tradicionalmente passou a ser rezada ás seis da manhã, ao meio dia e ás dezoito horas. Ao falar das flores, o poema pode estar retratando uma tradição, uma reminiscência da Igreja Católica de ofertar rosas à Virgem Maria. Dentro da compreensão religiosa na qual está inserida tal devoção, acredita-se que com a oração do santo terço se oferece no céu um buquê de rosas à Maria. Contudo, o poema quer dizer muito mais que rosas, ela prefere nossas almas puras e castas para ofertá-las a Deus.

Há outros temas que o poeta também trabalha. Em muitas delas, ele demonstra a sua grande admiração pela natureza e animais. Assim sendo, analisaremos algumas poesias nesta perspectiva. Em *A morte da onça*, desencadeado num ritmo ágil, imitando os movimentos do felino da mata, ele faz uso de metáforas em “vestida de chita”, sons em onomatopeias em “tá-tá-tá-tá” e cores no verso “Ficou colorida de sangue”> Trata-se de um poema narrativo. A onça, que no primeiro instante demonstra alegria, sensação de contentamento, por ser livre e por estar em seu habitat natural. Mas, logo no segundo e último instante, aparecem a angústia e o medo, pois percebe que existe alguém a espreitá-la e ela teme por sua vida.

José Sebastião descreve com ricos detalhes lúdicos a onça, usando rimas de forma divertida e de modo simples resgatando a infância no verso “Brincava de pular/ Duma pedra a outra/ Duma pedra a outra/com destreza singular.” Toda magia entorno da mesma se desfaz quando o caçador aparece, pois o mesmo a mata transformando-a em uma poça de sangue. O autor faz uma crítica sobre a falta de respeito à natureza, ele aborda o tema de forma alegre, mas com um desfecho triste e fatal.

Um raio de sol
 Entrou
 Pela janela da furna
 E a onça levou
 A nava

Do despertar da aurora:
 E a onça pintada
 Vestida de chita
 Com malhas bonitas,
 Cobertas de lã,
 Com ânsia infinita
 Foi ver a manha.
 Habilmente, a rosnar,
 Brincava de pular
 Duma pedra a outra
 Duma pedra a outra
 Com destreza singular.
 Mas, na curva do pendor
 Alguém a espreitava
 -Um caçador-
 E, de repente, a maúsea disparou
 A onça pintada de azul
 Ficou colorida de sangue.
 Enxague, como pedra
 Que rola do monte.
 Tomba aqui, tomba acolá,
 Nas aguas da fonte:
 Tá-tá-ta-tá
 E, que dela ficou naquele lugar?
 Um pouco de sangue nas pedras do algar. (Pe.ZEZINHO, s.d, *apud*
 CORDEIRO, 2013, p.166).

Sobre suas poesias a respeito da natureza, ele faz referência aos elementos naturais, como por exemplo, nesta poesia *Na curva do rio*. Nela, o eu-lírico faz uso de metáforas quando comete comparações entre o rio e uma serpente na estrofe “A gente pensa/ Numa límpida serpente/ procurando se esconder/ Na floresta sem poder.” Já em outra parte o rio aparece como um aeroporto na estrofe “Já é caminho que anda/(nunca vi caminho andar):/Já é limpo aeroporto/ Onde o pato/Brincando de avião/Vem soberbo aterrissar.” Há ainda alternância de versos rimados com versos livres que dá ao poema um tom narrativo. Neste poema, podemos perceber que ele faz uma referência às ações humanas que ora erra, ora procuram melhorar.

O poeta lança um olhar contemplativo sobre a natureza. Contemplar é uma forma de ver além do que é meramente visível. Nesse sentido é possível identificar o rio com outros elementos que lhe façam referência ou a ele se assemelham. Enquanto vai contemplando, o poeta se permite reinventar o cenário ao seu redor como fruto de sua imaginação. Mediante esse processo se torna possível às comparações com a serpente, o caminho, o aeroporto e o límpido espelho.

Grandemente aprecio

(E penso, você também)
 Contemplar o grande rio
 Que ora desce, ora vem
 Subindo novamente.

A gente pensa
 Numa límpida serpente
 Procurando se esconder
 Na floresta, sem poder.

Já, é caminho que anda
 (Nunca vi caminho andar);
 Já é limpo aeroporto
 Onde o pato
 Brincando de avião
 Vem soberbo aterrissar.

Grande rio!
 És um límpido espelho
 Onde o sol põe-se a mirar
 O seu rosto vermelho.

Fico, fico horas a fio
 Na cadeira do barranco
 Contemplando o grande rio
 Que ora vai, ora vem
 Subindo novamente.

Na contemplação desta maravilha
 Em minha mente fervilha
 Um punhado de ideias.

E eu volto, mas lá fica,
 Fremente, porém,
 O grande rio
 Que ora vai, ora vem
 Subindo novamente. (Pe.ZEZINHO, s.d, *apud* CORDEIRO, 2013, p.168).

Encontramos também em seus escritos, bastante ação e suspense, como em *Menino do mato*, onde retrata uma luta corporal entre uma onça que espreitava um menino no mato:

Menino do mato
 Caboclo mulato
 Mocinho valente

Negrinho que come beijú de mandioca
 E dorme na cama da dura taboca
 Esplendidamente,
 Neguinho de quinze anos de idade
 Que jamais foi á cidade
 Ver outra gente

Pretinho como tição
 Não teme onça de frente,
 só de traição
 [...] (Pe.ZEZINHO, s.d, *apud* CORDEIRO, 2013, p.172).

Nesta poesia, o autor fala sobre um mulato destemido que luta contra uma onça e quase a vence. Isto vem retratar a luta diária não só de quem vive nas matas, mas também de quem tem uma vida dura e luta por seus ideais é valente e deve ser corajoso para enfrentar as adversidades da vida. Ele também retrata a simplicidade da vida na floresta nos versos “Negrinho que come beijú de mandioca/E dorme na cama da dura taboca”, pois são pessoas desprovidas de luxo e conforto, este mulato não tem o convívio com outras pessoas além das que o cerca isto se encontra retratado nos versos “Neguinho de quinze anos de idade/ Que jamais foi á cidade/Ver outra gente” talvez por isso sua coragem de enfrentar a onça, pois isto para ele, isto já se tornara rotina. Nesta poesia encontra-se sequencia das rimas AABBCDCD com rimas ricas “gente” e “frente” e rimas pobres “idade” e “cidade”.

Esse recurso de valer-se da natureza para fins educativos e até catequéticos tornou-se uma marca específica de José Sebastião da Costa. Sua inventividade nesse campo proporcionou-lhe ser mais criativo na elaboração de cenários, eventos, imagens sugestivas, conferindo a certos poemas como em o *Menino do mato*, até mesmo aquela dimensão lúdica que propicia enriquecimento à poesia como linguagem específica para interpretar a realidade. Esse embate descrito no poema pode ser interpretado não somente como uma façanha atípica envolvendo um adolescente. O texto também permite ser lido como metáfora da própria vida humana permeada de situações que exigem certa ousadia e valentia capazes de alçar o indivíduo a novas experiências e a superação de limites até então não superados.

Em sua referência aos animais, José Sebastião da Costa se posiciona afetivamente, pois eles lhe trazem jovialidade e tranquilidade. Como observamos neste poema intitulado *Andorinha*:

Ó meiga e doce andorinha
 Gosto de ver-te cantar
 Na torre da capelinha
 Olhando as ondas do mar.

Tange o sino, tinge a noite

As flores dos nenfares
Revoas logo em alarde
De fli-fli, enchendo os ares

Não sei porque, avezinha a
Minha alma quando te vê
Sente que nela se aninha
Saudades não sei de que.

Nos ares-ondas amigas
E tu-igara febril
Cantando doces cantigas
No céu azul do Brasil.

Ao descer da tardezinha
Com seu rosto de carmim
Vem, ó formosa andorinha,
Cantar bem pertinho de mim. (Pe.ZEZINHO, s.d, *apud* CORDEIRO, 2013, p.158).

Neste poema, existem rimas interpoladas ABAB, com rimas ricas “carmim” e “mim” e rimas pobres em “amigas” e “cantigas”, sonoridade, onomatopeia em “fli-fli”, descrições do lugar, da paisagem. Para o eu lírico, a andorinha representa o regozijo em “gosto de ver-te cantar” e ao mesmo tempo remete ao saudosismo no verso “Saudades não sei de que”. Fala da revoada de pássaros que ilumina o céu com suas cantigas e ao fim da tarde a andorinha vem ao encontro do eu-lírico que tem na ave seu objeto de contemplação.

Andorinha reporta ao autor um cenário de tranquilidade e sossego. Evoca a ternura suscitada ao admirar uma ave que parece carregar em seu voar tão livre, mais que asas ágeis e penas firmes. Transporta o olhar meramente natural para outra dimensão que não se tem certeza do que seja: “Minha alma quando te vê/ Sente que nela se aninha/ Saudades não sei de quê”. Essa andorinha transporta sonhos e lembranças aninhados no interior do poeta, cuja memória nesse instante de contemplação se permite ir pra longe.

No arco dos dias que se seguem o olhar do poeta vai captando detalhes assim cheios de saudosismo. Ele se deleita no ato de admirar, ampliando sua compreensão do objeto admirado, conferindo-lhe aspectos e sentidos mais profundos.

Considera-se que cada poesia apresentada seja para o poeta uma forma, de atingir as pessoas em suas necessidades, seja para distrair, informar e até mesmo evangelizar.

4. Considerações finais:

José Sebastiao da Costa é uma das figuras que mais contribuiu para o crescimento intelectual e espiritual de seu povo exercendo suas funções como pároco, atuou também no âmbito educacional, cultural, acadêmico, econômico, folclórico, literário e político, pois através de sua persistência e temperamento tenaz, conseguiu junto ao governo do estado daquela época, que fosse instalado em Posse uma unidade do câmpus da Universidade Estadual de Goiás, beneficiando assim todas as pessoas desta cidade e região. Houve o crescimento financeiro e intelecto da cidade como um todo.

Ele em seu designo de evangelizar, fez inflamar o desejo adormecido no coração dos jovens, o chamado ao sacerdócio e o chamado ao matrimônio. Também usou com louvor a profissão de docente para ensinar sua paixão por literatura. Foi através da criação do Grêmio Literário Gercino Rodrigues que pôde aprofundar junto aos seus alunos, sobre literatura, poesias, obras de arte, peças de teatro, envolvendo assim toda a comunidade possense.

Suas poesias dividem-se entre catequéticas e de natureza. Seguem os preceitos estéticos do Parnasianismo em sua forma fixa e culta sem deixar contudo de alinhar-se ainda ao Romantismo. Na forma, muitas apresentam-se como poemas narrativos, mas há sonetos também que seguem com rimas interpoladas, com rimas ricas e pobres. No conteúdo, ele discutirá os problemas existenciais e de doutrina católica.

Portanto, o poeta e evangelizador, fez muito por sua terra natal, evangelizou, educou, lutou pela dignidade e integridade da família. O povo sempre vai se lembrar com carinho e saudosismo deste eterno cidadão possense.

REFERÊNCIAS:

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Farias; A Literatura no Brasil.4ª ed. São Paulo: Global, 1997.

BOSI, Alfredo; História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Editora Pensamento-Coltrix LTDA.1994.

CORDEIRO, Padre Hélio, Gestas de um Apóstolo. Goiânia-Go. Editora Kelps 2013.

NEVES, Adalgésio Expedito, Reminiscências remidas de uma época. Goiânia-Go. Editora Kelps, 2011.

<http://www.estudopratico.com.br/literatura-informativa-caracteristicas-e-conceito/>
acessado em 10/03/2017.

Pe.Zezinho,s.d,in.: CORDEIRO, Padre Hélio, Gestas de um Apóstolo. Goiânia-Go. Editora Kelps 2013.

Emílio Vieira, s.d.in.: CORDEIRO, Padre Hélio, Gestas de um Apóstolo. Goiânia-Go. Editora Kelps 2013.